

## URBE E CONCEITOS: DA CIDADE CLÁSSICA À MÁQUINA MODERNISTA

DINIZ, Mariana Pizzo.<sup>1</sup>  
BORDIN, Rafael Bruch.<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar um panorama histórico sobre as cidades e seus conceitos. O percurso de discussão parte das cidades clássicas, a *urbe* grega e romana, até a cidade da máquina modernista. Desta forma, é intuito deste trabalho investigar quais foram as características e composições urbanas que regeram a organização do espaço das cidades no recorte temporal supracitado. Primeiramente, na fundamentação teórica, apresenta-se a definição de cidade e sua transformação conceitual conforme o processo evolutivo das civilizações, partindo de um aglomerado informal para uma constituição formal, com traçados definidos e normativos. Em uma segunda etapa, discute-se a partir de um breve panorama histórico quais conceitos essenciais do urbanismo foram agregados a partir da experiência de algumas civilizações. O método utilizado para a realização da pesquisa foi a revisão de literatura, e os resultados obtidos a partir da análise e discussão dos dados delinearão a intrínseca relação existente da cidade com a organização social, a geografia do território e as instituições de relevância em cada período, sendo a *urbe* um reflexo físico destas condicionantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Urbanismo, História das Cidades, Morfologia, Conceitos.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo possui com base teórico conceitual a área do urbanismo e planejamento urbano. Neste sentido, como objetivo geral, busca-se apresentar um panorama histórico sobre as cidades e seus conceitos, e parte da seguinte da seguinte questão de pesquisa: quais as características e composições urbanas que regeram a organização do espaço das cidades no recorte temporal que se inicia nas cidades clássicas até a cidade moderna?

Neste contexto, são entrelaçados os saberes entre o urbanismo e planejamento das cidades, compondo uma explanação sobre as mudanças e evoluções da cidade, retomando as origens históricas das primeiras aglomerações urbanas e, de maneira breve, elucidando suas principais características formais.

Considera-se portanto, que o estudo da Arquitetura e da constituição dos espaços urbanos não deve perder de vista que estes são construções históricas, dotadas de formas e modelos criados por seus habitantes e, como elemento vivo, sofrem as influências dos contextos históricos, sociais,

<sup>1</sup> Arquitecta e Urbanista graduada pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel, Paraná. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPU UEM. E-mail: mpdarquitetura@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduando do curso de História da Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Francisco Beltrão. Graduando do curso de Medicina Veterinária pela Universidade Federal Fronteira Sul- UFFS, Campus Realeza. E-mail: rafa3270\_@hotmail.com.

econômicos e culturais, como define Carlos (2007), a Arquitetura pode ser conceituada como a “arte ou ciência de projetar espaços organizados por meio do agenciamento urbano e da edificação, para abrigar os diferentes tipos de atividades humanas” (DIAS, 2005, p.3).

O desenvolvimento desta pesquisa, que culminou com a produção deste artigo, justifica-se pelas contribuições que a mesma poderá trazer para a ampliação da compreensão histórico morfológica das cidades.

No campo acadêmico, social, histórico, e profissional espera-se que a presente investigação possa ampliar o referencial teórico sobre o assunto, além de possibilitar aos acadêmicos e profissionais da área o acesso a um material sistematizado sobre o urbanismo, ampliando a compreensão da história das cidades.

A partir do exposto, na sequência será introduzida a fundamentação teórica referente a etimologia do termo “urbanismo” e as primeiras civilizações humanas, para, posteriormente nas análises, considerar um panorama histórico sobre as cidades e seus conceitos.

## 2. URBANISMO: A ETIMOLOGIA DO TERMO E AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES

O termo “urbanismo” deriva do latim *urbe* como afirma Lima e Cordão (2009), e apesar de se tratar de um neologismo criado para nomear uma disciplina que se apresenta como uma ciência e uma teoria da cidade engloba por extensão e conceito, como afirma Harouel (1990), o estudo do surgimento dos primeiros núcleos urbanos.

De acordo com Coulanges (1954, p.189) “[...] a cidade não aparece como agregado de indivíduos, mas como confederação de muitos grupos constituídos antes de seu nascer, e pela cidade deixados subsistirem”. Portanto, depreende-se que a história do urbanismo está intrinsecamente ligada à história humana, sua ocupação e desenvolvimento durante os séculos.

Conforme discursa Benevolo (2015; 2013), as primeiras cidades surgiram com as sociedades paleolíticas e neolíticas<sup>3</sup> e, apesar de se apresentarem com um núcleo urbano pouco definido, estas

---

<sup>3</sup> Pode-se definir a pré-história como o período que antecedeu o surgimento da escrita, portanto, data-se aproximadamente 4000 a.C. Compreendido no espaço de tempo da pré-história, o período paleolítico (2,5 milhões de anos atrás) caracteriza-se pelo nomadismo, ou seja, a constante migração dos grupos humanos entre regiões em busca de alimentos, uma vez que suas atividades de subsistência eram a caça, a coleta e pesca. A habitação do homem paleolítico eram cavernas, e seus instrumentos de trabalho rudimentares, feitos de pedra e ossos. Posteriormente, ainda dentro da cronologia pré-histórica, o período neolítico, iniciado no décimo milênio a.C., já pressupõe certa evolução, propondo o surgimento da agricultura e do pastoreio (BENEVOLO, 2015).

aglomerações urbanas fixas já propunham uma inter-relação entre os grupos sociais através da subsistência por meio da agricultura e do pastoreio (RODRIGUES, 2003).

Perpassando séculos de história e evolução, dentre os quais citamos importantes civilizações, como a Etrusca entre os séculos VI e VII, a Mesopotâmica e a Sumeriana<sup>4</sup>, no segundo milênio a.C., já propunha-se certa organização urbana, como aponta Benevolo (2015, p. 27), pois “o terreno da cidade já era dividido em propriedades individuais entre os cidadãos, ao passo que o campo era administrado em comum por conta das divindades”. Na civilização egípcia, de acordo com Mann (2006), percebe-se a figura religiosa e sagrada realçadas na construção das cidades em pedras, imutáveis e eternas. Por conseguinte, o surgimento dos agrupamentos urbanos no extremo oriente - Índia, China, Indochina e ilhas próximas -, mais tardios, foram constituídos a partir dos grandes rios, canalizados e utilizados na agricultura (COELHO, 2011).

Percebe-se assim, como afirma Benevolo (2015), Cardoso (1990) e Ferreira (1993), que um importante elemento comum que possibilitou o surgimento destes centros urbanos foram os rios, canalizados e manipulados para a agricultura, atividade que proporcionou a subsistência e fixação destes agrupamentos.

### 3. METODOLOGIA

O presente artigo foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica e da coleta de dados levada à cabo pelos pesquisadores, que utilizaram livros e artigos científicos. De acordo com Treviños (1987) o alicerce que sustenta qualquer pesquisa científica pode ser compreendido como revisão bibliográfica. Primeiramente é preciso conhecer o que já foi elaborado por outros pesquisadores para então proporcionar o avanço em algum campo do conhecimento.

Lüdke e André (1986) assinalam que as fontes fundamentais para a elaboração da revisão bibliográfica a serem consultadas são artigos em periódicos científicos, teses, livros, resumos em congresso, dissertações e estudos de caso.

Com relação às ferramentas de pesquisa complementares, além da revisão bibliográfica já citada, acresceu-se a pesquisa documental segundo Santos (2000).

---

<sup>4</sup> Um dos maiores legados da civilização Sumeriana foi o desenvolvimento da escrita cuneiforme, possibilitando o desenvolvimento comunicação e uma escrita complexa e racional (LION; MICHEL, 2011).

#### 4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Na antiguidade, segundo Funari (2002) duas grandes civilizações tiveram papel de destaque: a grega e a romana. Neste primeiro caso, a Grécia, postulada como o berço da civilização ocidental, é base para estudos filosóficos<sup>5</sup>, históricos, sociológicos, mas também urbanos, pois como afirma Harouel (1990) dois importantes conceitos surgem a partir da cidade livre grega: o de *pólis*<sup>6</sup> e de espaço urbano, sendo este último, de acordo com Benevolo (2015), expresso por uma nova ordem de convivência civil, no qual a cidade é compreendida como um organismo único inserido em um ambiente natural, e, mutável, até a sua estabilidade.

Dentre os princípios que compõem este espaço urbano, destacam-se o rigor do traçado geométrico, as ruas estreitas e sinuosas, aquedutos subterrâneos, a ágora – praça de discussão política (REALE; ANTISERI, 1990) -, os templos da Acrópole, cidade alta, e as muralhas, da cidade baixa. Assim, a importância da organização urbana na Grécia Antiga para a compreensão da evolução das cidades é imensurável, pois as regras do urbanismo grego serviram como base para as civilizações seguintes (BENEVOLO, 2015).

Em sequência, tem-se o urbanismo romano, cuja principal característica é a disposição urbana geométrica através de dois eixos ortogonais: o *cardus* e *decumanus*<sup>7</sup>. Segundo Harouel (1990), Morris (1979) e Benevolo (2015), o desenho urbano das cidades romanas é caracterizado pelo seu sistemático traçado ortogonal, uma característica urbana aprimorada e reproduzida da cultura grega. Dentre os principais elementos urbanos da Roma antiga, considerando as atividades políticas, econômicas e sociais dos cidadãos romanos, destacamos o fórum, as habitações – *domus* e *insulae*<sup>8</sup> –, as muralhas, equipamentos públicos, entre outros.

---

<sup>5</sup> Como afirma Chauí (1998, p.20-21), “a filosofia, entendida como aspiração ao conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade natural e humana [...], é um fato tipicamente grego. [...] Por causa da colonização europeia das Américas, nós também fazemos parte [...] do ocidente europeu, e assim também somos herdeiros do legado que a filosofia grega deixou para o pensamento ocidental europeu”.

<sup>6</sup> A *pólis* grega, cidade-estado independente como afirma Chauí (1998), define-se por uma comunidade de cidadãos, uma associação com caráter moral, político e religioso.

<sup>7</sup> “A delimitação do perímetro da cidade e o seu traçado obedeciam a um ritual religioso, a uma ordem sagrada. [...] A cidade orienta-se de este a oeste – no sentido do nascer ao pôr do sol -, interligando-se a uma ordem cósmica e universal. Os dois eixos principais – o *Decumanus maximus*, O/E; e o *Cardus*, N/S – encontram-se no centro, lugar geométrico da área construída. O traçado de dois eixos fundamentais é um gesto “quase cósmico” de ocupação do território e que perdurará no modo de desenhar cidades em épocas posteriores. (LAMAS, 1993, p. 144)

<sup>8</sup> A *domus* era a casa rústica romana adaptada às condições urbanas. Como aponta Grimal (1993, p.224) tratava-se da moradia de pessoas mais abastadas, com cômodos amplos e arejados, conectados à um amplo pátio central. Em contrapartida, a *insulae* traduz-se para a nossa concepção moderna de apartamentos, no entanto, este tipo de moradia

É importante salientar, conforme apontado por Harouel (1990), que tanto o urbanismo grego quanto o romano não representam uma ruptura, mas sim a continuidade. A estrutura urbana grega, suas preocupações estéticas compreendem noções e princípios que originaram o urbanismo romano e de todo o mundo ocidental.

A evolução urbana segue da cidade antiga para a cidade clássica, e durante o período da Idade Média<sup>9</sup>, na Europa, promove-se um grande crescimento urbano, no qual se formam grandes aglomerações que nos séculos seguintes fomentaram a gênese de importantes cidades modernas. De acordo com Block (1982), Geddes (1994) e Le Goff (1992), apesar das invasões bárbaras, a principal instituição do período, a Igreja resguarda a vida urbana, sufocada no interior dos feudos. Com o fim das invasões, viabilizou-se o crescimento demográfico, a retomada da atividade comercial e da produção econômica, fatores fundamentais para o processo de reurbanização. Surgem assim, importantes cidades, com características comerciais - os burgos -, religiosas, além do pleno desenvolvimento das aglomerações já existentes. Quanto à morfologia urbana medieval Harouel (1990), Morris (1979) e Benevolo (2015) afirmam que, apesar de haver ocorrido em um primeiro momento um rompimento com o quadriculado romano, gerando traçados irregulares e espontâneos, a partir da metade do século XII, observa-se uma retomada da organização urbana medieval com a expansão demográfica dos aglomerados populacionais.

Por conseguinte, como afirmam Glancey (2001), Lacaze (1993) e Pereira (2010), com o Renascimento, além da retomada dos conceitos clássicos da antiguidade da arquitetura e nas artes, cria-se um ambiente propício para a gênese do urbanismo classicista e sua definitiva ruptura com o estilo medieval de projetar as cidades. Para Harouel (1990), a Itália do século XV é o berço deste vasto renascimento cultural, e em se tratando do urbanismo especificamente, revela importantes teóricos como Alberti<sup>10</sup> e Filarete<sup>11</sup>.

Pautado nos conhecimentos de Vitruvius (2006), Alberti avança em um aspecto inovador para o período, mas que atualmente permeia a produção do espaço urbano: a estética da cidade.

---

destinava-se às pessoas de baixa renda, que arrendavam os espaços e os ocupavam em grande número. (MARCHI, 1995, p.11).

<sup>9</sup> Período da história entre os séculos V e XV. Recebe este nome, pois se trata de um intervalo entre a Antiguidade Clássica e o Renascimento. Costuma-se aferir a este período uma regressão nas produções artísticas, pois o domínio social da época permanecia nas mãos da igreja Católica. Na arquitetura, o Estilo Gótico representa o esplendor religioso com suas catedrais amplas e decoradas. Para mais informações, sugere-se o livro História da Arquitetura de Jonathan Glancey.

<sup>10</sup> Leon Battista Alberti nasceu em Génova, Itália, no dia 14 de Fevereiro de em 1404. Alberti foi essencialmente um arquiteto, porém desempenhava outras atividades, como a pintura, escultura, composição, poesia, dramaturgia, matemática e filosofia. (KRUGER, 2015).

<sup>11</sup> Antonio di Pietro Averlino nasceu na cidade de Florença, Itália, no ano de 1400. Desempenhou a profissão de escultor, engenheiro, arquiteto e teórico da arquitetura no período do Renascimento. (KRUGER, 2015).

Segundo afirma em seu tratado de urbanismo, *La readificatoria*, assim como em sua arquitetura, as aspirações estéticas de uma época devem estar presentes não somente nas fachadas de edifícios, mas também na paisagem urbana, pois como observado por Harouel (1990, p. 44-45) e Cullen (1983;2006), nos textos de Alberti aparecem pela primeira vez “a ideia de que a estrutura de um edifício ou de uma cidade pode depender de um conjunto de considerações racionais que possuem sua lógica própria”.

Ressalta-se ainda na morfologia estética das cidades renascentistas segundo Morris (1979), a preocupação para com a retitude das ruas, fator intrinsecamente ligado à beleza urbana e seu desenho geométrico. Soma-se ainda, de acordo com Pereira (2010), a regularidade das fachadas e a presença do meio natural, principalmente o elemento líquido, presente na construção urbana do meio. As transformações que permeiam a evolução do urbanismo até o século XIX marcam, não só o aprimoramento da política urbana, com o surgimento de diretrizes, planos e direitos urbanísticos, mas também um registro das condições históricas, sociais, econômicas e políticas destes agrupamentos urbanos, compreendendo a sua forma urbana como um produto desta sociedade de uma determinada época.

Com a Revolução Industrial do século XVIII e XIX, inúmeros fatores, como o progresso técnico, a criação da máquina à vapor e a descoberta da eletricidade, contribuíram para a explosão demográfica das cidades. Para Nuttgens (1997) e Hobsbawm (2009), a vida urbana transfigura-se, os quarteirões e lotes se subdividem para acomodar o grande número populacional. Surgem bairros de periferia que, apesar de afastados dos grandes centros, tornam-se locais de passeio para a aristocracia e a burguesia, interessadas em afastar a superocupação das áreas centrais por trabalhadores que fornecem a mão de obra para as nascentes indústrias (HAROUEL, 1990).

Devido a estas transformações intensas e sem precedentes, como afirmam Choay (2015) e Munford (1998), surgem nos países europeus, planos urbanísticos que visavam à reforma, embelezamento e reestruturação das cidades, já saturadas pelo enorme índice demográfico. Dentre as principais nações que impulsionaram esta nova política urbana, destacam-se a Inglaterra, Espanha, Holanda, os países germânicos, e, principalmente a França.

Na história do urbanismo, segundo Bilo (2009), o planejamento urbano da capital francesa do século XIX, liderada por Haussmann<sup>12</sup>, é um importante modelo de reconstrução da paisagem

---

<sup>12</sup> Georges-Eugène Haussmann nasceu em Paris, França, no dia 27 de março de 1809. Mundialmente conhecido como Barão Haussmann, foi o idealizador da reforma urbana de Paris, promovida durante o reinado de Napoleão III. Haussmann configurou-se como um personagem de destaque na história do urbanismo e das cidades. (PEREIRA, 2010).

urbana, impondo a imagem de uma capital moderna. Como descrito em sua obra *Memoires*<sup>13</sup>, o intuito de criar uma homogeneidade entre os bairros populares e aristocráticos colaborava com uma política radical de embelezamento da imagem urbana, propondo rasgar a velha Paris com uma vasta rede de avenidas, bulevares e ruas largas. (HAROUEL, 1990). De forma paralela, adota-se a implementação dos equipamentos públicos: sistema viário, rede de esgoto, feiras, entre outras infraestruturas.

Considerando esta nova preocupação com as cidades, de acordo com Souza (2006, p.151), o planejamento urbano objetiva a minimização de problemas e a ampliação de soluções para as futuras gestões das cidades. Desta maneira, o caos urbano causado pela Revolução Industrial no século XVIII, marcou a gênese do planejamento urbano, que tentava solucionar os problemas causados pela rápida expansão dos centros. Iniciada na Inglaterra, conforme aponta Munford (1998), impeliu a população proletária para os centros urbanos, despreparados para suportar tamanho contingente populacional. Surgem cortiços, edificações estreitas e irregulares, sistemas de infraestrutura precários que, aos olhos de muitos estudiosos contemporâneos, tornaram as cidades espaços insalubres e desagradáveis. A partir da década de 1920, importantes conceitos são definidos, como o de zoneamento urbano, uma ferramenta do planejamento urbano que subdivide a cidade em zonas de acordo com índices urbanísticos e o uso e ocupação do solo.

Em sequência, surgem novas teorias e correntes do urbanismo moderno principalmente a progressista, lideradas por Tony Garnier<sup>14</sup> e Le Corbusier<sup>15</sup>, na qual a cidade, baseada nos pontos da Carta de Atenas (1933)<sup>16</sup>, deve ser funcional e racional, veloz como as máquinas da modernidade. (CHOAY, 2015).

---

<sup>13</sup> Livro de autoria do próprio Barão Haussmann, publicado em 1890, relata os principais projetos executados durante a reforma urbana da capital francesa. Nesta obra, encontram-se os princípios norteadores da nova política urbanística (HAROUEL, 1990).

<sup>14</sup> Tony Garnier foi um arquiteto nascido em Lião (Lyon), na França, no dia 13 de agosto de 1869. É reconhecido mundialmente por seu projeto intitulado “A Cidade Industrial” publicado em 1919, no qual setoriza as cidades de forma a conferir a esta uma sistematização semelhante à de uma máquina. É um dos principais expoentes do urbanismo progressista. (Choay, 2015).

<sup>15</sup> Charles-Edouard Jeanneret-Gris, pseudônimo de Le Corbusier, nasceu em La Chaux-de-Fonds, em 6 de outubro de 1887. Arquiteto, urbanista, escultor e pintor de origem suíça, é considerado o principal teórico do urbanismo progressista. Para Le Corbusier, a arquitetura e o urbanismo são princípios indissociáveis, na qual as novas técnicas construtivas só possuem uma nova visão no espaço caso estejam integradas com a cidade moderna, funcional e racional. (LE CORBUSIER, 2000).

<sup>16</sup> Primeira Carta Patrimonial criada em 1933, a Carta de Atenas foi resultante do IV Congresso de Arquitetura Moderna (CIAM), no qual se elaborou um manifesto urbanístico com diretrizes e fórmulas que poderiam ser aplicadas internacionalmente. Nesta Carta, a cidade é concebida como um organismo funcional, e, portanto, preconiza-se a setorização e racionalização do meio urbano. (IPHAN, 1933).

Na discussão das teorias urbanas contemporâneas, segundo aponta Mongin (2009), há uma certa impossibilidade de reprodução de modelos urbanísticos universais, e isto, em consequência, gera uma relativização e diversidade para a *urbes* contemporânea. Assim, a amplitude e a diversidade das novas tendências, no âmbito do entendimento do urbanismo contemporâneo, desvenda-se em inúmeras temáticas diferentes, de acordo com Carlos, Souza e Sposito (2016), como a questão da mobilidade, sustentabilidade, densidade urbana, segregação sócio espacial, entre outros.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi proposto neste artigo a identificação de um panorama histórico referente à conceituação da ciência denominada Urbanismo, na qual a compreensão de seus conceitos junto ao processo evolutivo das cidades aconteceu paralelamente.

Além disso, foi objeto de estudo e análise a pesquisa histórica referente ao surgimento das principais civilizações e suas respectivas *urbes*. O leitor foi informado e salientado a respeito de cada uma das concepções e princípios, compreendendo os contextos de período.

Conclui-se que as cidades são construções históricas, dotadas de formas, significados e modelos criados por seus habitantes. Conhecer uma cidade e o seu processo evolutivo não é simples, sobretudo por sua vastidão e pelas diferentes marcas depositadas pelas gerações antecedentes. Indiscutivelmente, a cidade em sua totalidade – inserção no sítio, características geográficas do território, forma e tecido urbano - é um produto dos grupos sociais que a ocupam, vivenciam e transformam.

Por fim, nas análises e discussões do presente artigo, foram elencadas em uma ordem histórica as principais civilizações e suas respectivas características urbanas, com o intuito de comprovar a relação cidade e sociedade, cujo resultado é a composição do território.

Depreende-se assim, que o urbanismo é, essencialmente, um estudo da cidade como *habitat* humano e de suas formas, considerando que o homem modifica e altera o seu entorno a todo o instante. O planejamento e a organização dos centros urbanos requerem um prévio conhecimento histórico, social, político e econômico do espaço, e assim faz-se necessário conhecer a história e a origem dos conceitos da *urbe*, para trazer ao homem possibilidades a serem implementadas para a melhora da qualidade de vida da população que ocupa estes centros bem como uma solução para os inúmeros problemas vivenciados no meio urbano atualmente.



## REFERÊNCIAS

BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto**. Trad. Atílio Cancian. 2. ed., São Paulo: Perspectiva, 2013.

\_\_\_\_\_. **História da Cidade**. Trad. Silvia Mazza. 3. ed., São Paulo: Perspectiva, 2015.

BILO, David Ramos. **Paris: 3 suturas urbanas**. Prova final de Licenciatura em Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Departamento de Arquitectura, 2009. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/9712/1/Paris%5b3suturas%20urbanas%5d.pdf>>. Acesso em: 10 setembro 2018.

BLOCK, Marc. **A sociedade feudal**. Trad. Emanuel Lourenço Godinho. Lisboa: Edições 70, 1982.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **Antiguidade Oriental: Política e Religião**. São Paulo: Contexto, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade: o homem e a cidade, a cidade e o cidadão, de quem é o solo urbano?** 7. ed., São Paulo: Contexto, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1998.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: Utopias e Realidades**. Trad. Dafne Nascimento Rodrigues. 7. ed., São Paulo: Perspectiva, 2015.

COELHO, Liliâne Cristina. Urbanismo e Cidade no Antigo Egito: algumas considerações teóricas. *In: Plêthos*, vol. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/revistaplethos/arquivos/numero1/liliane.pdf>>. Acesso em: 10 setembro 2018.

CORBUSIER, Le. **Planejamento Urbano**. Trad. Lúcio Gomes Machado. 3. ed., São Paulo: Perspectiva, 2000.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga: estudo sobre o culto, o direito e instituições de Grécia e Roma**. Trad. Fernando de Aguiar. 8. ed., vol I, Lisboa/Porto: Livraria Clássica Editora, 1954.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Trad. Isabel Correia e Carlos de Macedo. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1983.

\_\_\_\_\_. **The Concise Townscape**. Architectural Press: Great Britan, 2006. Disponível em: <[https://issuu.com/mrkextreme/docs/the\\_concise\\_townscape\\_gordon\\_cullen](https://issuu.com/mrkextreme/docs/the_concise_townscape_gordon_cullen)>. Acesso em: 25 ago. 2017.

DIAS, Solange Irene Smolarek. **História da Arquitetura I**. Cascavel, Paraná: FAG, 2005.

FERREIRA, Olavo Leonel. **Mesopotâmia**. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. 2. ed., São Paulo : Contexto. 2002.

GEDDES, Patrick. **Cidades em evolução**. Trad. Maria José Ferreira de Castilho. Campinas: Papirus, 1994.

GLANCEY, Jonathan. **História da Arquitetura**. Trad. Luis Carlos Borges e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2001.

GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993.

HAROUEL, Jean-Louis. **História do Urbanismo**. Trad. Ivone Salgado. 4. ed., Campinas, São Paulo: Papirus, 1990.

HOBSBAWM, Eric John. **A era das Revoluções: 1789-1848**. Trad. Marcos Penchel, Maria L. Teixeira. 25.ed., São Paulo: Paz e Terra, 2009.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Carta de Atenas**, 1933. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>>. Acesso em: 10 setembro 2018.

KRUGER, Mário. **Na gênese das racionalidades modernas II: em torno de Alberti e do Humanismo**. Portugal: Universidade de Coimbra, 2015.

LAMAS, José Manuel Rossano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. 2. ed., Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LACAZE, Jean Paul. **Os Métodos do Urbanismo**. Trad. Marina Appenzeller. 2. ed., São Paulo: Papirus, 1993.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIMA, Marinalva Vilar de; CORDAO, Michelly Pereira de Sousa. História e civismo na Roma liviana. In: **História**. Franca, v. 28, n. 2, p. 605-620, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742009000200020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742009000200020&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 10 setembro 2018.

LION, Brigitte.; MICHEL, Cécile. **Escritas cuneiformes: história usos e deciframento**. Trad.: Marcelo Rede. São Paulo: Targumim, 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANN, Nicholas. **Grandes Civilizações do Passado: Renascimento**. Barcelona: Folio, 2006.

MARCHI, Eduardo C. Silveira. **A Propriedade Horizontal no Direito Romano**. São Paulo: Edusp, 1995.

MONGIN, Olivier. **A condição Urbana**. Trad. Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MORRIS, A. E. J. **Historia de la forma urbana: desde sus orígenes hasta la revolución industrial**. ed. 2. Barcelona: Gustavo Gili S/A, 1979.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. Trad. Neil R. da Silva. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NUTTGENS, Patrick. **The Story of Architecture**. 4. ed., London: Phaidon Press, 1997.

PEREIRA, José Ramón Alonso. **Introdução à História da Arquitetura**. Trad. Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2010.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990.

RODRIGUES, Rosicler Martins. **O homem na Pré-História**. 2. ed., São Paulo: Moderna, 2003.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento científico**. 3. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A prisão é agora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação: O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987.

The logo for ECCI (XVI Encontro Científico Cultural Interinstitucional) features the letters 'ECCI' in a stylized, gold-colored font with a slight shadow effect.

XVI ENCONTRO  
CIENTÍFICO CULTURAL  
INTERINSTITUCIONAL

TRANSFORMAÇÃO  
e **INCLUSÃO**



VITRÚVIO. **Tratado de Arquitectura**. Trad. Manuel Justino Maciel. Lisboa, Portugal: IST Press, 2006.